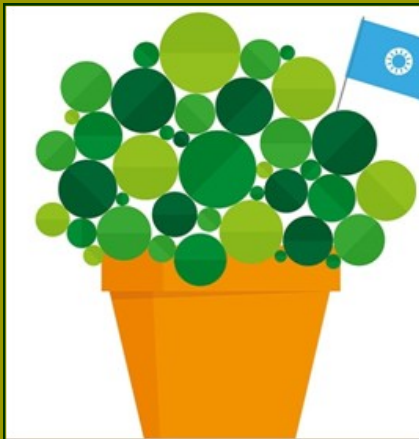




SANTOS POPULARES



Nesta Edição:

Um Conto de Verão	3
Santo António	5
Cantinho dos Provérbios	5
Adolescência	6
Quadras Populares	7
Cantinho das Anedotas	8
Santos Populares	8
Factos Y Ficcionismo	11
Ironia e Sarcasmos	13

Boletim Informativo Casa do Artista

Editorial

Volume XXXVII, Edição II

Junho de 2019

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA E DO MUNDO

I

Santo António de Lisboa
E do mundo cidadão.
Como diz a gente boa,
Quer seja alfacinha ou não.

II

12 de Junho é d'alegria,
Nos bairros e n'avenida.
13 de Junho é o dia,
Que celebra a sua partida.

Refrão

III

Tendo nascido em Lisboa,
Muito pertinho da Sé.
Na sua igreja abençoa,
Quem reza com muita fé.

IV

Os casamentos na Sé
E as marchas n'avenida.
O povo na sua fé,
Em procissão, ganha vida.

V

A Lisboa dos Pregões,
Já faz parte do passado.
Pois as novas gerações,
Vão comprar a qualquer lado.

VI

Com culturas diferentes,
São bem-vindos até nós.
Sejam crentes ou não crentes,
No mundo, não estamos sós!

Refrão

Ó Lisboa dos turistas,
Lisboa dos arraiais.
Das tuas tão lindas vistas,
Ninguém se esquece, jamais.

Anda, vem p'ra rua,
Vem viver a festa.
A cidade é tua,
Não há como esta!

Há sardinha assada
Nos bairros e fado.
Noite bem passada,
Contigo a meu lado.

Para o ano há mais,
Diz-se à despedida.
Venham mais casais,
O amor dá vida!

Letra e Música: Tino Costa



Rezar a Nossa Senhora
É falar com Nosso Senhor
Foi embora a Directora
Voltou novo Director

Que seja muito bem-vindo à “Casa do Artista”, como Director Financeiro e Assessor da Direcção, o Dr. Edgar Costa. Tanto a restante Direcção como todo o pessoal da Apoiate e os Sócios Residentes lhe desejam saúde e felicidades e muitas venturas para o cargo que vai exercer. Que se sinta feliz ao pé de todos nós. Bem-haja Dr. Edgar Costa.

Autor: Júlio Coutinho
(Actor/Residente da Casa do Artista)

Colabore com a próxima edição do “Boletim Informativo da Casa do Artista” 2019, através das suas histórias, do seu talento, da sua arte.

Contamos consigo!

UM CONTO DE VERÃO

Uma tarde destas com calor e cheia de sol, fui até à Caparica depois do almoço tomar um café. Já tinha saudades. Apanhei aqui o metro até à Praça de Espanha e depois o autocarro até ao centro da Costa. Lá fui pela ponte sobre o Tejo. Que passeio bonito. A vila estava cheia de gente. Era um dia de praia em cheio, os restaurantes com muita malta jovem de várias etnias e eu sentei-me na esplanada do Hotel Praia-Mar na rua principal, que é a Rua dos Pescadores. Bebi uma bica e comi um pastel de nata. Olhei em frente e na esplanada da Pensão Capa-Rica vi sentados três homens, dois ainda novos e outro mais velho.

Eram o António, o João e o Pedro. O primeiro não tinha o Menino ao colo, o segundo não vinha com o carneiro às costas e o terceiro vinha sem a chave do Céu na mão. O António cheirava a sardinhas, sangria, pimentos, fado, arraiais, Alfama, Amália, manjericos, arroz-doce e cravos vermelhos, com quadras de amor, derriços, raparigas e alcachofras a florir. O João cheirava a alho-porro, martelinhos, Norte, ribeira, Porto, francesinhas. Este S. João Baptista, era pastor e no rio Jordão baptizou Cristo. Era um lindo rapaz loiro com caracóis e umas bonitas pernas com coxas bem torneadas, sempre semi-nu, envolto apenas por uma pele de carneiro. O velhote Pedro, era um Santo festejado no Sul. Vestia um hábito dourado muito respeitado na igreja católica, tendo dado o seu nome à Basílica de Roma, no Vaticano, residência dos Papas.

Eu segui o meu caminho e cá vim para Lisboa e eles os três foram ao seu destino. E assim, com cheiro a farturas, bifanas e coiratos, com idas ao Teatro de Revista e na Avenida a ver as Marchas, foi assim que acabaram os Santos Populares.

Estes três homens foram cantados por vozes muito bonitas da nossa Lisboa.

Autor: Júlio Coutinho



Para recordar...

**como era
antigamente!**

se o Universo
é a criação plena
da abstração
a vida
não será também um momento
de ilusão humana?

o pó do carvão
é o sémen
da angústia da palavra
poluída pelo pensamento
errado da civilização

o homem fez da moeda
a catedral simbólica
do mito filosófico
do egoísmo

Os três poemas são do livro “O Veneno Afrodisíaco da Palavra”

de

Miguel Barbosa

(Dramaturgo/Residente da Casa do Artista)

“Quando muda o modo em que vê as coisas, as
coisas que vê mudam também.”

(Wayne Dyer)

SANTO ANTÓNIO

Santo António, milagreiro,
está aqui e em toda a parte.
Ele protege quem, dia inteiro,
trabalha com gosto... e arte.

E já que a Dona Ascensão
cozinha bem, e depressa,
Ore com muita devoção:
reze ao Santo! – Não se esqueça...

Autora: Cândida Cortes

CANTINHO DOS PROVÉRBIOS

1- A água tudo lava, menos as _____;

2- Quem semeia _____, colhe
_____;

3- _____ depois de _____ é vaca;

4- _____ da onça;

5- Quem dá _____, a mais não é _____;

6- A _____ e a _____ quer-se da mais _____;



Autora: Isabel Mexia

(Pianista/Residente da Casa do Artista)

(Ver soluções na página 9)

ADOLESCÊNCIA

De seu nome Floriano
Era um jovem Doutor
Com seu ar sedutor
Francês me foi ensinando
Pois meu pai assim o quis.

Suas lições recebia
Depressa se apaixonou
Eu era donzela bela
O verbo amar me ensinou.

Por ele eu não tinha amor
Mas conquistou meu coração
Sendo ele tão sedutor
Tinha por ele admiração.

E o tempo ia passando
Dele eu ia gostando
Ele me chamava princesa
E me elogiava a beleza.

As lições tiveram fim
O afastamento chegou
Ele gostava de mim
Mas o sonho acabou.
Saudades dele eu senti
Sendo o amor impossível
A recordação me ficou.

Floriano vou lembrando
Os piropos recordando
Mas a princesa acabou
Só a beleza ficou.

Do passado eu sou vaidosa
Princesa eu já não sou
Outra vida já chegou.

Hoje admiro a beleza
Nas telas que vou pintando
Algumas vezes escrevendo
O Floriano lembrando
Ai, de mim, sou tão saudosa
Até me sinto princesa.

“Agora sou casada
Árvore de amor plantada
Na berma da minha estrada...”

Autora: Lila

(Secretária/Residente da Casa do Artista)



QUADRAS POPULARES

Sto. António já passou
S. João está a chegar
Falta ainda S. Pedro
Para a “marcha terminar”

Com balões e sardinhada
Estão as festas a terminar
Para o ano cá estaremos
Para mais um ano festejar!

Autora: Natália Guimarães

(Ponto de Teatro/Residente da Casa do Artista)

QUADRAS POPULARES

Fui brincar aos arraiais
Com o meu amor querido
Brinquei eu e tu também
Mas no fim tinhas fugido

Sto. António casamenteiro
Peço-te um grande amor
Para juntinhos dançarmos
E para brincarmos com vigor

Autora: Maria Candal

(Actriz e Cantora Ligeira/Residente da Casa do Artista)

CANTINHO DAS ANEDOTAS



Definição de marido:

“Marido é aquele amigo e companheiro, que está sempre ao seu lado, para a ajudar a resolver aqueles problemas que não teria se fosse solteira”.

Dois amigos em conversa:

- A minha sogra caiu do céu!
- Como?
- Partiu-se a vassoura...

Autora: Natália Guimarães

(Ponto de Teatro/Residente da Casa do Artista)

SANTOS POPULARES

Vai de arquinho
Vai marchar
Lá vai o Júlio Coutinho
Na sua marcha a dançar

Leva amor no Coração
Aquele grande demónio
É noite de S. João
É noite de S. António

Ando aqui muito ralado
A trabalhar na Ribeira
Levo o meu xaile traçado
Pareço uma vendedeira

De noite só canto fado
Sou fadista quem diria
Tenho o destino marcado
Nas ruas da Mouraria

No S. Pedro vou marchar
Na avenida com balão
Lá vai a marcha a passar
A manter a tradição

Olá pintor com sua aguarela
Artista que pinta bem
O quadro ao pé da janela
A cara da sua Mãe

Autor: Júlio Coutinho



“Pois sem esse grande amor
já nem nos aquece, o lume,
o sol perde o seu fulgor,
e a flor não tem perfume.”

Christovão



SOLUÇÕES

- 1- ... más-linguas;
- 2- ... ventos ... tempestades;
- 3- O boi ... morto ...;
- 4- Amigo ...;
- 5- ... o que tem ... obrigado;
- 6- ... mulher ... sardinha ... pequena;

SANTOS POPULARES

Fui ouvir cantar a Ada
Era um fado muito agreste
Depois comi sardinhada
E cantei fado Celeste

Tânia Ribas de Oliveira
Pequena e grande Senhora
Sabe saltar a fogueira
E ser boa apresentadora

Com pimentos a sardinha
Sofre grande represália
Dos bairros era Madrinha
A Senhora Dona Amália

Esta Casa é um Amor
Por isso eu sou tão feliz
Digo eu que sou Actor
A conversar com uma Actriz

Nossa ponte tem pilares
Cada qual com seu condão
São três Santos Populares
Beatriz da Conceição

Já é noite quem diria
Vejo-a da minha janela
Olá Manuela Maria
Que bem que vai na novela.

Autor: Júlio Coutinho

QUADRAS POPULARES

Santo António de Lisboa
Que Pádua reclamou seu
E de teimosia à toa
Teimou sim, mas não venceu!

Se ele aos peixes foi pregar
Ó carapau, à sardinha
Como não ousar chegar
Um pouquinho mais acima?

Acima afirmo eu de verdade
Chegar à truta e à tainha
Não falo na qualidade
Mas qual o rei dos peixes ou rainha?

São João no Porto é venerado
Com festa rija instalada
O seu cordeirinho ao lado
Prestando honra sagrada

São Pedro que também foi pescador
Três vezes a cristo negou
E ao errar por amor
Deu conta porque o galo cantou!

Autora: Isabel Magro
(Mestra do Guarda-Roupa/
Residente da Casa do Artista)

FACTOS Y FICCIONISMO

Chiado ao Camões, Camões ao Chiado, Pides em fuga, «Agarra! Agarra!» correrias, algazarra, caudal a esbarrondar da memória e a atalhar-se na centelha rubra dos cravos, perenidade a inscrever-se nos memoriais ao 25 de Abril. Mas um sumiço pegou a utopia: silogismos e sofismas no dorsal lusitano encruado de proselitismos atávicos (tipicismos e dogmas sócio-económico e culturais) relíquia da sarça de Moisés a enegrecer o humanismo da Revolução tal qual o Papa no varandim sacro a benzer cinquenta Ferraris, um ver-a-Deus insólito dos símbolos-sanfona do capitalismo, faróis acesos e, os farolins, um pestanejo voluptuoso e álaque. Expurgados do pecado de concepção fabril, logo-logo os Ferraris foram luxo a garagens de nababos, lambe-lambe já acontecido noutras auras na Praça de S. Pedro: tanques ao redor do obelisco, os olhos dos canhões a fulgurarem às volutas, ao varandim, aos janelões e, teatral, bacoco, personagem de ópera bufa na escotilha de um dos tanques, Mussolini em saudação fascista, infantaria em parada, afinco de coronhas no lajedo e o fio das espadas na cinza vertical das fardas do oficialato, o Papa a derramar bênçãos para o sucesso da invasão da Albânia, o imperador Zog, para salvar o penacho, a dar-se às de vila-diogo até outros azimutes, já as lagartas dos tanques fascistas eram novo corre-corre no império de Prestes João, abexins semi-nus, desnitrados e com azagaias que não logravam cócegas nos rebites benzidos. E já os perfis aerodinâmicos dos Ferraris desapareciam nas luminescências da televisão e o ronrom dos motores ecoava na sanidade dos meus ouvidos, quando esgadanhei nas restevras da minha lucidez; perfurei crostas de rugosidades passadas; e, revitalizado pelos insólitos da História inscritos avidez dos meus cromossomas, sobrenadei clarões, tempestades do subconsciente qual luzucu em noite estival com torsais de luar. E foi assim que o poema de Guerra Junqueiro “A Benção da Locomotiva” emergiu na voz de meu pai, que ora relembro: engrinaldou os serões, modelou-me o juvenil existencialismo, e adubou as sestas na minha cardenha de aprendiz a oleiro da vida com o barro virgem do Eden surripiado de ânfora canónica. Sopesei, então, os intentos formais do poema, a substantivação, os adjectivos da construção poética e (ápice de ganapo) parafraseei os alexandrinos sepultos no Index: «Prós Ferraris se lançarem em férvido galope / Como num sonho prosaico em louca rebertina / Além do motorista, é necessário o hissope / Teologia, latim, dogmas, e muita gasolina». E, assim, consciente do meu apogismo, calcetava os meus incómodos nas geometrias representivas da contenda tribal, quotidiana e silente do corporativismo quando, Pides em fuga, Chiado ao Camões, Camões ao Chiado, povo a gritar: agarra! agarra!



Um caudal de fobias na centelha rubra dos cravos e a inscreverem-se nos memoriais da Revolução. Mas um sumiço pegou a utopia: silogismos e sofismas no dorsal lusitano encruado de proselitismos atávicos (dogmas e manipulações sócio-económicas e culturais) tições da sarça de Moisés a fumegarem e logo a enegrem o humanismo revolucionário do MFA, espelho a contento de um Papa, semblante teutónico no varandim sacro em benzeduras a cinquenta Ferraris, símbolos-sanfona do capitalismo e acabadinhos de ver-a-Deus, faróis acesos e os farolins num pestanejo subtil e voluptuoso. E, assim, finda a cerimónia que os expurgou do pecado de concepção fabril, foram luxo a garagens de nababos, lambe-lambe já acontecido em outras auras: tanques ao redor do obelisco, os olhos dos canhões a fulgurarem às volutas, ao varandim, aos janelões, enquanto Mussolini, personagem de ópera bufa na escotilha de um dos tanques fazia a saudação fascista, infantaria em parada e, no lajedo santo, o afinco de coronhas e o fio das espadas na cinza vertical das fardas do oficialato em honrarias para o beneplácito sacro à invasão da Albânia, o imperador Zog a salvaguardar o penacho, pisgando-se a outros azimutes, enquanto o corre-corre das lagartas dos tanques fascistas já cirandava o império de Prestes João a massacrar um exército de abexins semi-nus, desnutridos que, como armas de defesa, empunhava azagaias toscas que não logravam, sequer, cócegas nos rebites benzidos dos tanques. Eu a recordar tais factos, e os perfis vermelhuscos dos Ferraris a diluírem-se na luminescência do ecrã da televisão, o ronrom dos motores a persistir na sanidade dos meus ouvidos. Esgadanhei, então, na bolha. Nas restevas do meu arar político-religioso. Perfurei crostas de rugosidades passadas. Afundei até aos insólitos da História inscritos nos meus cromossomas. Sobrenadei clarões e as tempestades residuais do subconsciente e, qual luzucu em noite estival com torçais de luar, “A Benção da Locomotiva”, poema de Guerra Junqueiro que lateja no Index , emergiu à tona de mim na voz suave de meu pai pelos serões familiares, ritual inesquecível e sempre desejado, a modelarem-me os afogos da personalidade, o existencialismo juvenil, adubando, assim, as sextas que fruí na minha cardenha de aprendiz a oleiro da vida com o barro virgem do Eden surripiado de ânfora canónica. Sopesei os intentos formais do poema, a sua adjectivação, a substância substantiva e, num ápice ganapo, parafraseei os alexandrinos sepultos: «Prós Ferraris armarem fêrvido galope / Como sonho febril em louca rebentina / Além do motorista, é necessário o hissope / Teologia, dogmas, latim, e muita gasolina». E ainda a formatar prelúdios no invólucro do consciente, calcetei seixos na geometria das contendidas do quotidiano. E, repimpado em ilusões no dorso do corcel perseguido por D. Fuas, abarquei muitas várzeas. Devesas atlântidas. Guardei nos olhos os fulgores de meteoritos e o ápice de estrelas cadentes no vazio cósmico.



Até que o fio do novelo de penélope me levou a garatujos com rima melodiados por meu pai em flauta transversal, Pan no Fontelo, bosque do Paraíso, e na Cava de Viriato, fortim contra as hordas romanos, e as rãs do sapal do Pavia a recatarem-se às trompas barítonas de meu pai: «Quando nasceste, foste berros e ranhos nunca a Viseu assomados, a chaminé de tijolos da central termo-eléctrica a expelir faúlhas que pairavam no instante efémero da existência». E quando o papão rolou mistérios pelo sótão, meu pai, na saleta dos serões, animou-me: «Olha! Vamos comprar uma panela de ferro, metes-te dentro dela, tapas-te muito bem com o telho e, quando o papão e a morte chegarem por perto, tu gritas, a plenos pulmões: «Aqui não há ninguém!» as latas do papão a barulharem logo a outros sótãos, e a gadanha da morte, gume em meia-lua, a luzir a outros telhos de painéis-tripé. Mas das fragilidades dos painéis só me dei conta quando o avô materno, azamboado de ascos a opositores políticos, se foi, escarranchado na gadanha, e entupido por escarros verde-caruma.

Autor: Afonso Henriques

(Técnico da Central Técnica de Programas da EN-RDP/Residente da Casa do Artista)

IRONIA E SARCASMOS

Esta quadra para os Deuses
Os que brigam sem razão:
Hei-de vê-los a lutar
De alho porro na mão.

Outra quadra a políticos,
Exímios troca-baldrocas:
Hei-de vê-los a comer
Farelo de maçarocas.

Esta quadra a banqueiros
Loucos, gulosos e falsos:
Hei-de vê-los pregar pregos
Na tábua dos cadafalsos.

E concluo as sentenças
Do código ora inventado
Pondo os réus, sentenciados,
Na neve, de cu sentados.

Autor: Afonso Henriques

**PROPRIEDADE:
APOIARTE
CASA DO
ARTISTA**

Estrada da Pontinha, 7
1600-582 Lisboa

Tel: 217110890

Correio Eletrónico:
geral@casadoartista.net

www.casadoartista.net



[https://www.facebook.com/
ApoiarteCasadoArtista/?
ref=settings](https://www.facebook.com/ApoiarteCasadoArtista/?ref=settings)



“apoiarte_casadoartista”

A APOIARTE/CASA DO ARTISTA - Associação de Apoio aos Artistas é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), destinada a apoiar e dignificar aqueles que exerçam ou tenham exercido funções relacionadas com a actividade do espectáculo nas áreas das artes cénicas, da televisão, do cinema e da rádio.

A Residência, o Teatro Armando Cortez, a Galeria Raul Solnado e o Centro de Formação constituem as várias valências de apoio e desenvolvimento dos objectivos definidos na sua génese. Abrangida pela Lei do Mecenato Cultural, tem contado com vários apoios que, de algum modo, nos têm ajudado a contribuir para a melhoria da qualidade de vida de todos os residentes nesta Casa do Artista.



Ficha Técnica

Edição:

Ricardo Madeira
(Animador Sociocultural)

Coordenação:

Carla Andrino
(Psicóloga Clínica/Actriz/
Vogal da Direcção da Casa
do Artista)

Revisão:

Fernando Tavares Marques
(Actor/Tesoureiro da Direc-
ção da Casa do Artista)

Periodicidade:

Mensal

Tiragem:

50 exemplares

Nota: Este Boletim não foi redigido ao abrigo do Acordo Ortográfico.

AGENDA CULTURAL

SALA BEATRIZ COSTA:

2 de Julho (terça-feira), 15 horas - Actuação do “Grupo de Cavaquinhos da Universidade Sénior de Loures;

3 e 4 de Julho (quarta e quinta-feira), 15 horas - Preparação da “Quermesse da Casa do Artista”, com a colaboração dos Residentes;

9 de Julho (terça-feira), 15 horas - Visita guiada ao Museu do Fado;

12 de Julho (sexta-feira), 15 horas - Apresentação do “Boletim Informativo da Casa do Artista”;

15 e 16 de Julho (segunda e terça-feira), 15 horas - Visualização do filme “Os Gatos não têm Vertigens”, de António-Pedro Vasconcelos;

17 de Julho (quarta-feira), 15 horas - Actuação do “Coro Curpi Santo Condestável”, da Associação de Pensionistas de Campo de Ourique;

23 de Julho (terça-feira), 15 horas - “Cantar Amália”, com o fadista e associado Rui Ferreira, acompanhado à guitarra portuguesa por Manuel Gomes e à viola de fado por Fernando Gomes;

26 de Julho (sexta-feira), 15 horas - Comemoração do Dia Mundial dos Avós, com o cantor e associado Carlos Alberto Moniz;

30 de Julho (terça-feira), 15 horas - Encontro - Abraço Poético IV, com o poeta Luís Ochoa.